

ALI SMITH

Como ser as duas coisas

Tradução

Caetano W. Galindo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Ali Smith
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
How to be both

Capa
Flávia Castanheira

Foto de capa
Travessia, Henrique Oliveira, 2015, acrílica sobre tela, 600 x 340 cm, Houston Airport
System, Houston TX-EUA

Preparação
Ana Cecília Agua de Melo

Revisão
Ana Maria Barbosa
Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Smith, Ali

Como ser as duas coisas / Ali Smith ; tradução Caetano W. Galindo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: How to be both.
ISBN 978-85-359-2794-8

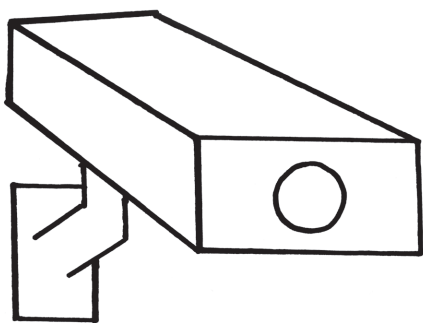
1. Ficção inglesa 1. Título.

16-06310

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2016]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras



UM

Considere esse dilema moral um minutinho, a mãe de George diz a George, que está no banco do passageiro.

Diz, não. Disse.

A mãe de George está morta.

Que dilema moral? George diz.

O banco do passageiro do carro alugado é esquisito, por estar do lado em que o banco do motorista fica lá nas nossas bandas. Deve ser meio parecido com dirigir, só que sem, tipo, dirigir de verdade.

Beleza. Você é artista, a mãe diz.

Ah, é? George diz. Desde quando? E isso lá é um dilema moral?

Haha, a mãe diz. Me dá uma mão aqui. Só imagine. Você é artista.

Essa conversa está acontecendo em maio passado, quando a mãe de George ainda está viva, óbvio. Ela está morta desde setembro. Agora é janeiro, mais precisamente acaba de passar da

meia-noite do Primeiro de Janeiro, o que significa que acabou de passar a ser o ano seguinte ao ano da morte da mãe de George.

O pai de George não está. É melhor do que ele ficar em casa, parado choraminguento na cozinha ou andando de um lado pro outro, ligando e desligando as coisas. Henry está dormindo. Ela acabou de entrar pra dar uma olhada nele; ele estava morto de sono, se bem que não morto como a palavra morto quer dizer quando quer dizer, tipo, morto.

Este vai ser o primeiro ano em que a mãe dela não vai estar viva desde o ano que a mãe dela nasceu. Isso é tão óbvio que chega a ser imbecil até pensar e mesmo assim é tão terrível que não dá pra não pensar. As duas coisas ao mesmo tempo.

Enfim. George está passando os primeiros minutos do Ano-Novo olhando a letra de uma música antiga. A letra do Kal Mann é bem ruinzinha. *Let's twist again like we did last summer. Let's twist again like we did last year.* Aí tem uma rima horrorosa, uma rima que, a bem da verdade, nem é rima.

*Do you remember when
Things were really hummin'.*

Hummin' nem rima com *summer*, o verso não termina com ponto de interrogação, e será que a ideia era dizer, literalmente, *you lembra quando tudo corria a toda?*

Aí *Let's twist again, twisting time is here.* Ou, como dizem todos os sites, *twistin' time.*

Pelo menos eles usaram um apóstrofo, a George de antes de a mãe morrer diz.

Eu estou cagando se algum site da internet liga pra grafia certinha das coisas, a George de depois diz.

Esse negócio de antes e depois é coisa do luto, é o que todo mundo fica dizendo. Ficam falando que a dor tem estágios. Tem lá uma discórdia sobre quantos estágios. São três, ou cinco, ou tem gente que diz até sete.

Parece mesmo que a criatura que escreveu essa música nem se deu ao trabalho de pensar na letra. De repente a pessoa que escreveu a música estava num dos três, cinco ou sete estágios do luto também. Nono estágio (ou vigésimo terceiro ou centésimo vigésimo terceiro ou ad infinitum, porque nada jamais vai não ser assim): nesse estágio você não vai mais dar bola se as músicas querem dizer algo. No fundo você vai detestar quase todas as músicas.

Mas George tem que achar uma música que dê pra fazer aquela dancinha.

O fato de essa parecer tão contraditória e sem-sentido certamente é um bônus. Deve ter sido bem por causa disso que ela vendeu tanto e foi tão importante na época. As pessoas curtem que as coisas não façam muito sentido.

Beleza, eu estou imaginando isso tudo, a George no banco do passageiro em maio na Itália diz exatamente ao mesmo tempo que a George que está em casa na Inglaterra no mês de janeiro seguinte encara o sem-sentido da letra de uma música antiga. Do outro lado do vidro do carro a Itália se desfalda à volta e por cima deles tão quente e amarela que parece que foi jateada com areia. Lá atrás Henry funga de leve, olhos fechados, boca aberta. A tira do cinto de segurança passa pela testa dele, de tão pequeno que ele é.

Você é artista, a mãe diz, e está trabalhando num projeto com vários outros artistas. E todo mundo no projeto está recebendo a mesma coisa, em termos de salário. Mas *você* acha que o que *você* está fazendo vale mais do que o que os outros que estão no projeto, inclusive você, estão recebendo. Aí você escreve uma carta pro sujeito que encomendou a obra e pede pra ele te dar mais dinheiro do que está dando pros outros.

E eu tenho mais valor? George diz. Por acaso eu sou melhor que os outros artistas?

E faz diferença? a mãe diz. É isso que faz diferença?

Sou eu ou é o trabalho que vale mais? George diz.

Muito bem. Continue, a mãe diz.

Isso é real? É só hipotético?

E faz diferença? a mãe diz.

Isso já tem resposta na realidade mas você está me testando com o conceito da coisa apesar de já estar careca de saber o que você mesma acha do assunto? George diz.

Pode ser, a mãe diz. Mas eu não estou interessada no que eu acho. Eu estou interessada no que você acha.

Normalmente você não se interessa por lhufas do que eu acho, George diz.

Você foi tão adolescente agora, George, a mãe diz.

Eu *sou* adolescente, George diz.

Então, tá. Está explicado, a mãe diz.

Vem um minúsculo silêncio, ainda tudo em ordem, mas se não ceder um pouquinho e bem rápido, George sabe que sua mãe, que anda nervosa, imprevisível e com cara de sofrimento há semanas porque rolou algum problema no paraíso particular conhecido para os leigos como a amizade dela com aquela tal de Lisa Goliard, vai ficar distante assim de cara e aí nitidamente chateada e áspera.

Isso é agora ou no passado? George diz. É uma artista ou um artista?

E alguma dessas coisas fazem diferença? a mãe diz.

Faz diferença, George diz. O verbo concorda com alguma.

Mea maxima, a mãe diz.

Eu só não entendo por que você nunca vai até o fim, tipo nunca, George diz. E isso não quer dizer o que você acha que diz. Se você fala sem a palavra culpa só quer dizer *eu sou a mais*, ou *eu sou o máximo*, ou *a mim pertencem as maiores coisas*, ou *minha mais*.

É verdade, a mãe diz. Eu sou a mais máxima. Mas a mais máxima o quê?

Passado ou presente? George diz. Homem ou mulher? Não pode ser as duas coisas. Tem que ser ou uma ou outra.

Quem foi que disse? Tem que ser por quê? a mãe diz.

AFFE, George diz alto demais.

Não faz isso, a mãe diz espiando no banco de trás. A não ser que você queira que ele acorde, e aí você é que vai ficar responsável pelo entretenimento a bordo.

Eu. Não. Posso. Responder. A. Sua. Questão. Moral. A. Não. Ser. Que. Eu. Saiba. Mais. Detalhes, George diz sotto voce, que, em italiano, apesar de George não falar italiano, literalmente quer dizer debaixo da voz.

E a moral precisa de detalhes? a mãe sussurra de volta.

Jesus, George diz.

E a moral precisa de Jesus? a mãe diz.

Conversar com você, George diz ainda debaixo da voz, é que nem conversar com uma parede.

Ah, muito bem, menina, muito bem, a mãe diz.

E como é que isso está muito bem? George diz.

Porque essa arte, esse artista e o dilema de que a gente está falando são super-relacionados com paredes, a mãe diz. E é aonde eu estou te levando.

Opa, George diz. Me colocando contra a parede.

A mãe solta uma risada alta, de verdade, tão alta que depois as duas se viram pra ver se Henry vai acordar, mas ele não acorda. Esse tipo de risada, da mãe, agora é tão raro que é quase normal. George fica tão satisfeita que se sente corar.

E o que você acabou de dizer está gramaticalmente incorreto, ela diz.

Não está não, a mãe diz.

Está sim, George diz. A gramática é um conjunto finito de regras e você acabou de violar uma delas.

Eu não assino embaixo dessa crença, a mãe diz.

Eu não acho que a linguagem seja questão de crença, George diz.

Eu assino embaixo da crença, a mãe diz, de que a língua é um organismo vivo e mutável.

Acho que essa crença não vai garantir sua entrada no paraíso, George diz.

A mãe ri de verdade mais uma vez.

Não, olha só, um organismo, a mãe diz —

(e na cabeça de George aparece a capa de um livro antigo chamado *Como atingir um orgasmo de qualidade*, que a mãe dela deixa numa das mesinhas de cabeceira, uma coisa que vinha de bem antes de George nascer, daquela época da vida em que a mãe dela era, segundo a própria, jovem e tranquila à sombra das macieiras)

— que segue suas próprias regras e altera essas regras como quiser e o sentido do que eu disse é totalmente claro e portanto a gramática daquela frase é totalmente aceitável, a mãe diz.

(*Como atingir um organismo de qualidade.*)

Bom. Gramaticalmente deselegante então, George diz.

Aposto que você nem lembra o que foi que eu disse pra começo de conversa, a mãe diz.

Aonde eu estou te levando, George diz.

A mãe tira as duas mãos do volante se fingindo desesperada.

Como é que eu, a mais máxima não pedante de todas as máximas não pedantes do mundo, acabei pondo no mundo uma pedante dessas? E como é que eu não tive a presença de espírito de afogar essa coisa quando nasceu?

O dilema moral é *esse*? George diz.

Considere, só um minutinho, tá, a mãe diz.

Não, não diz.

A mãe não diz.

A mãe disse.

Porque se as coisas acontecessem mesmo simultaneamente ia ser que nem ler um livro em que todas as linhas foram impressas uma vez a mais, como se cada página na verdade fosse duas páginas mas com uma em cima da outra pra deixar tudo ilegível. Porque agora é Ano-Novo e não maio, e é a Inglaterra e não a Itália, e está chovendo a cântaros lá fora e apesar de a chuva cair com força (a toda) ainda dá pra você ouvir aqueles fogos de artifício idiotas que as pessoas compraram pro Ano-Novo disparando aqui e ali como uma guerra em miniatura, porque as pessoas estão lá na chuva torrencial, com chuva martelando seus copinhos de champanhe, rostos virados pro alto pra ver seus próprios fogos (tristemente) inadequados se iluminando e apagando.

O quarto de George fica meio no sótão da casa e depois que eles refizeram o telhado no verão do ano passado ele tem uma goteira lá na empena do fundo. Entra um riachinho de água toda vez que chove, está entrando agora mesmo, *feliz Ano-Novo, George! Feliz Ano-Novo pra você também, chuva*, e escorre numa linha de contas que vai direto ao ponto onde o gesso encontra a parede e aí pinga nos livros empilhados em cima da estante. Nessas semanas em que isso vem acontecendo os pôsteres começaram a descascar da parede porque a fita adesiva não gruda mais em alguns lugares. Embaixo deles um conjunto de manchas castanhas, claras, como o mapa da rede de raízes de uma árvore, ou um conjunto de estradinhas do interior, ou um bolor ampliado mil vezes, ou as veias que ficam visíveis na parte branca do seu olho quando você está cansada — não, não é como essas coisas, porque pensar essas coisas é só

uma brincadeira idiota. A umidade está entrando e manchando a parede, e pronto.

George não falou disso com o pai. As vigas do teto vão apodrecer e aí o teto vai desabar. Ela acorda com o peito chiando e o nariz entupido toda vez que chove, mas quando o teto desmoronar toda essa dificuldade de respirar vai ter valido a pena.

O pai dela nunca entra no quarto. Ele não tem ideia do que está acontecendo. Com um mínimo de sorte só vai descobrir quando já for tarde demais.

Já é tarde demais.

A perfeita ironia da coisa toda é que neste momento o emprego do pai dela é numa empresa que faz telhados. O trabalho dele envolve entrar na casa dos outros com uma camerazinha rotatória que tem uma luz grudada e que ele prende na ponta daquelas varas que normalmente as pessoas usam pra limpar chaminés. Ele conecta a câmera à telinha portátil e enfia lá dentro da chaminé. Aí quem quiser saber, e tiver 120 libras de sobra, pode ver a parte de dentro da sua chaminé. Se a pessoa que quiser saber tiver mais 150 libras, o pai dela pode gerar um arquivo com a gravação das imagens pra que ele ou ela possam olhar a parte de dentro da chaminé quando ele ou ela quiserem.

Eles. Todo mundo diz eles. Por que George não consegue? Quando eles quiserem.

Enfim, o quarto de George, com o tempo, com certa dose de clima ruim e com a devida desatenção, vai se abrir pro céu, pra toda essa chuva caindo numa quantidade que as pessoas na TV ficam chamando de bíblica. O noticiário da TV vem listando os pontos de alagamento no país toda santa noite desde antes do Natal (apesar de não ter havido alagamentos aqui, diz o pai dela, porque o sistema medieval de drenagem continua

sendo bom como sempre foi na nossa cidade). O quarto dela vai ficar manchado pela gordura gris e pela borra da terra que a chuva absorveu e levou, a terra que o ar absorve todo dia graças meramente ao fato de que há vida na Terra. Tudo aqui neste quarto vai apodrecer. Ela vai ter o prazer de ver isso acontecer. As tábuas do piso vão se enroscar nas pontas, vão se dobrar, rachar nos pontos pregados e se desgrudar da cola.

Ela vai ficar na cama sem cobertor e as estrelas vão estar direto em cima dela, com nada entre ela e os olhos há muito exauridos das estrelas.

George (para o pai dela) : Você acha que, quando a gente morre, a gente ainda tem lembranças?

O pai de George (para George) : Não.

George (para a sra. Rock, a psicóloga da escola) :
(mesmíssima pergunta).

Sra. Rock (para George) : Você acha que a gente vai precisar das lembranças, depois de morrer?

Ah, que inteligente, que inteligente, eles acham que são sempre tão inteligentes, respondendo as perguntas com perguntas. Se bem que no geral a sra. Rock é bem bacana. A sra. Rock é pauleira, como os professores da escola vivem dizendo, como se achassem que são os primeiros que disseram isso na vida, quando sugerem a George que ela devia se consultar com a sra. Rock, *ela é rock 'n' roll, sabe*, coisa que eles dizem depois de limpar a garganta e perguntar a George como ela está, e aí dizem de novo depois de ouvirem que George está se consultando com ela e conseguiu trocar a aula geminada de educação física, toda semana, por uma série de shows. Shows de rock! Eles riem! Eles riem da piadinha de George e aí ficam com cara de constrangidos, porque riram quando deviam ser atenciosos e fazer cara de luto, e será que George pode *mesmo* ter feito uma piada, será que *pode*, já que ela devia estar tão triste e tal?

Como é que você está se sentindo? a sra. Rock disse.

Legal, George disse. Acho que é porque eu acho que não estou.

Você está legal porque acha que não está legal? a sra. Rock disse.

Sentindo, George disse. Eu acho que estou legal porque eu acho que não estou sentindo.

Você não acha que está sentindo? a sra. Rock disse.

Bom, se estou, é assim meio de longe, George disse.

Se você está sentindo, é meio de longe? a sra. Rock disse.

Parece quando você fica ouvindo alguém fazer um furo numa parede, não na sua parede, mas numa parede bem perto de você, George disse. Assim, digamos que você acorde um dia com o barulho de alguém ali na rua que está reformando alguma coisa em casa, e você não escuta só o barulho que ele ou ela está fazendo, você sente que é dentro da sua casa, apesar de a reforma estar acontecendo a várias casas dali.

E está? a sra. Rock disse.

O quê? George disse.

Mmm, a sra. Rock disse.

No caso, nos dois casos, a resposta é sim, George disse. É de longe e está incomodando que nem uma reforma. Enfim, eu nem ligo mais pra sintaxe. Então desculpa eu ter incomodado você com aquele último o quê.

A sra. Rock ficou bem confusa.

Ela anotou alguma coisa no seu bloquinho. George ficou vendo ela anotar. A sra. Rock ergueu de novo os olhos para George. George deu de ombros e fechou os olhos.

Porque, George ficou pensando enquanto estava ali de olhos fechados antes do Natal na poltrona deliberadamente confortável do consultório da sra. Rock, como é que pode ser que tenha um anúncio na TV com bananas dançantes e

saquinhos de chá dançandinho, e a mãe dela nunca vá ver esse anúncio? Como é que o mundo pode ser tão vulgar?

Como é que pode existir aquele anúncio e a mãe dela não existir no mundo?

Só que ela não falou isso em voz alta, porque não tinha por quê.

Não é questão de dizer.

A questão é o buraco que vai se formar no telhado e que vai deixar o frio se intensificar e depois vai fazer a estrutura da casa se reacomodar, como bem devia, e que vai permitir que George fique deitadinha na cama toda noite olhando o céu negro.

É agosto do ano passado. A mãe dela está na mesa da sala de jantar lendo em voz alta coisas da internet.

Os observadores de meteoros estão com sorte hoje, a mãe está dizendo. Com previsão de céu claro para a chuva de meteoros de Perseida em quase todo o Reino Unido, até sessenta estrelas cadentes poderão ser vistas por hora entre o fim da noite de segunda-feira e o começo da manhã de terça.

Sessenta estrelas cadentes! Henry diz.

Ele sai correndo em volta da mesa, bem rápido mesmo, fazendo um barulhinho tipo iiiiii.

A apresentadora Sarah Pennock, da meteorologia do Sky News, diz a mãe, afirmou que a chuva vai diminuir durante a noite, dando a muitos a chance de presenciar o espetáculo astronômico.

Aí a mãe ri.

Sky news! Notícias do céu, a mãe diz.

Henry. Dor de cabeça. Chega, o pai dela diz.

Ele segura Henry, ergue o menino do chão e o vira de cabeça para baixo.

Iiiiiiiiiiii, Henry diz. Eu sou uma estrela, eu estou

cadentando, e me virar de cabeça pra baixo não vai me impediiaiiiiiiiiir.

É só poluição, George diz.

Você não vai dizer isso quando ver elas caindo tão lindas por cima da sua cabeça, a mãe diz.

Vir, George diz.

Cada meteoro é um grânulo de poeira de cometa que se vaporiza ao entrar na nossa atmosfera a cinquenta e oito quilômetros por segundo, a mãe lê.

Isso não é muito rápido, Henry diz ainda de cabeça para baixo por baixo do pulôver que virou do avesso e caiu por cima da cara dele. Uma *carreta* anda a cinquenta.

Por segundo, não por hora, George diz.

Duzentos e vinte e cinco mil quilômetros por hora, a mãe lê.

Lento pacas, na verdade, Henry diz.

Ele começa a cantarolar palavras.

Cometas e carretas, cometas e carretas.

É bem empolgante, a mãe diz.

Noite mais fria, George diz.

Não seja tão mala, George, a mãe diz.

Ia, George diz porque essa conversa ocorre numa época em que ela começou a insistir que a mãe e o pai, quando fossem citar o nome dela, falassem o nome inteiro.

A mãe ri meio fungado.

O que foi? George diz.

É só que quando você diz isso, bom. Parece que está dizendo uma coisa engraçada de quando eu era nova, a mãe diz. Era o jeito da gente fazer caricatura dos riquinhos. Lembra, Nathan?

Não, o pai dela diz.

Yah, George, yah, a mãe diz fingindo ser uma dondoca do passado.

George pode escolher reagir ou ignorar. Ela escolhe ignorar.

A gente não ia conseguir ver nada mesmo, ela diz. Vai ter poluição luminosa demais.

A gente apaga as luzes, a mãe diz.

Eu não estou falando da nossa luz. Eu estou falando das luzes de Cambridge inteira, George diz.

A gente apaga essas aí também, a mãe diz. *Mais intensa em torno da meia-noite*. Beleza. Saquei. A gente pode todo mundo entrar no carro e se mandar pra fora da cidade, lá pros fundões de Fulbourn e ver de lá, Nathan, o que você acha?

Eu acordo às seis, Carol, o pai dela diz.

O.k., beleza, a mãe diz. Você fica em casa com o Henry pra mim e a George, quer dizer a George yah, pra gente ver tudinho.

Pra Georgia e eu, George diz. E eu não vou.

E com isso então são três George yahs que não vão, a mãe diz. Beleza. Vocês três mais seu pai podem ficar em casa com o Henry e eu vou. Nathan, o rosto dele está ficando bem vermelho, larga o menino.

Não, porque eu *quero* ver as sessenta estrelas, Henry diz ainda de cabeça para baixo. Eu quero ver mais que todo mundo nesta sala aqui.

Diz aqui que pode até ter umas bolas de fogo, a mãe diz.

Eu super quero ver bola de fogo, Henry diz.

É só poluição. E satélites, George diz. Não faz sentido.

Srta. Reclamenta, o pai dela diz sacudindo Henry no ar.

Senhorita não se diz mais, a mãe diz.

Favor perdoar meu chocante ato de incorreção política, o pai dela diz.

Ele fala isso com delicadeza e quer que seja as duas coisas: engraçado e maldoso.

Eu prefiro senhorita mesmo, George diz. Até eu virar, tipo, dra. Reclamenta.

Jovem demais pra saber a importância política de ser chamada de senhora, a mãe diz.

Ela podia estar dizendo isso para George ou para o pai dela. O pai dela é dez anos mais novo que a mãe, o que significa, a mãe gosta de dizer, que eles foram formados por contextos políticos muito diferentes, sendo que a principal diferença era uma infância sob Thatcher versus um fim de adolescência sob Thatcher.

(Thatcher foi a primeira-ministra que em algum momento depois do Churchill e bem antes de George nascer, segundo uma das mais bem-sucedidas Subversões da mãe dela, deu à luz um bebê Blair, alguém que George realmente lembra de ser primeiro-ministro quando ela era bem pequena, ele de fraldinha e coisa e tal mas totalmente maduro e, fora a fralda, nu, em cima de uma ogiva (não do tipo arquetônico, do tipo de míssil mesmo) com as bochechas infladonas da Thatcher soprando o cabelinho dele e o bebê Blair com uma mão em cima da virilha e a outra toda recatada no peito e a legenda embaixo : *A nazi-mente que vê-nos*. Aquela Subversão, George lembra, estava em toda parte. Era engraçado ver aquilo em todos os jornais, e on-line, e saber e não poder dizer a ninguém que foi a mãe dela quem apertou o botão que fez aquilo ir para o mundo.)

O que a diferença de idade entre os pais dela significa em termos reais é que eles já se separaram duas vezes, apesar de até agora terem voltado duas vezes.

E eu imagino que os tempos em que você era ao menos gentil comigo no que se refere ao feminismo já passaram, mas nem vou reclamar, já que não vai fazer diferença e já que a história do feminismo ensina a gente a não esperar grandes gentilezas mesmo, e quando você estiver largando essa criança

aí, tente não largar de cabeça pra baixo com força pra não quebrar o pescoço, a mãe diz sem tirar os olhos da tela. E George. Ou seja lá qual for seu nome. Se você deixar de ver isso aqui comigo você vai se arrepender pelo resto da sua vida.

Não vou, George diz.

Diz, não. Disse.

Teve um obituário no *Independent*, porque apesar de a mãe de George não ser famosa como as pessoas que ganham obituário normalmente são, e apesar de ela nem ter mais a cátedra na universidade, ainda tinha um emprego bem importante num instituto e de vez em quando publicava uns artigos de opinião no *Guardian* ou no *Telegraph* e às vezes até nos jornais americanos, nas edições europeias, e muito mais gente ficou sabendo quem ela era depois que os jornais revelaram a coisa da guerrilha de internet. *Dra. Carol Martineau, Economista, Jornalista, Ativista de ciberguerrilha, 19 de novembro de 1962 — 10 de setembro de 2013, aos cinquenta anos de idade. Diz, no primeiro parágrafo, uma mulher dos tempos do Renascimento. Diz infância nas Cairngorms escocesas educação Edimburgo Bristol Londres. Diz artigos e palestras ideologia discrepâncias salariais desvios salariais consequências ideológicas e literais aumento da pobreza no Reino Unido. Diz tese reconhecida pelo FMI desigualdade e lentidão do crescimento e da estabilização. Menciona o seu tema mais odiado, interesse do Executivo de manter a mão de obra assalariada mal paga. Diz descoberta três anos atrás de que Martineau era membro do influente grupo anônimo do movimento artístico on-line das Subversões milhares de fãs e imitadores.*

Diz trágica reação alérgica inesperada a um antibiótico comum.

A última coisa que diz é *deixa*. Isso quer dizer morreu. *Deixa o marido, Nathan Cook, e dois filhos.*

Isso tudo quer dizer morreu.

Isso tudo quer dizer que a mãe de George sumiu da, ou na verdade sumiu para dentro da, face da Terra.

Todo dia antes do trabalho a mãe de George, quando estava viva (porque ela não pode exatamente fazer essas coisas agora, por estar, tipo, morta), fazia uma série de exercícios e de alongamentos para se manter em forma. No fim dos exercícios ela sempre dava uma dançadinha na sala de estar, pelo tempo de uma música da playlist do telefone.

Tinha começado com isso uns dois anos antes. Todo dia ela encarava o sarro de todo mundo por ficar fazendo seus passinhos no meio dos móveis, com aqueles fones maiores que as orelhas.

Todo santo dia, George decidiu, desde o primeiro dia até o fim deste primeiro ano em que a mãe dela não vai estar viva, ela vai não apenas usar algo preto em alguma parte do corpo mas ainda fazer a dancinha anos 1960 em homenagem a ela. Isso só é problemático na medida em que George vai ter que ouvir as músicas enquanto dança, e ouvir músicas é uma das coisas que ela não consegue mais fazer sem gerar um tipo de tristeza que chega a doer no peito.

O telefone da mãe de George é uma das coisas que desapareceram no pânico que se seguiu. Ele não apareceu, apesar de a casa ainda estar cheia de todas as outras coisas dela exatamente onde ela deixou. Ela devia estar com o telefone. Ele sumiu entre a estação de trem e o hospital. O número foi cancelado, presumivelmente pelo pai dela. Se você ligar agora a mensagem que vai ouvir é a voz gravada que diz que esse número não está mais ativo.

George acha que o telefone da mãe deve ter sido levado por alguém de um serviço de espionagem.

O pai de George : George, eu te disse. Eu não quero mais saber dessas suas bobagens paranoicas.

A sra. Rock : Então você acha que o telefone da sua mãe foi levado por alguém que trabalha para um serviço de espionagem?

Todas as playlists da mãe estavam no telefone. A mãe era atipicamente reservada quanto ao telefone. George só deu uma espiadinha nele uma ou duas vezes (e nas duas vezes se sentiu mal por fazer isso, por motivos diferentes). Ela nem chegou a olhar as playlists. Só deu uma olhada nos e-mails e nas mensagens. Ela nunca pensou em olhar as músicas. Eram as músicas da mãe. Claro que ia ser porcaria. Agora ela não tem ideia e nunca vai saber que música ou que músicas a mãe ouvia todo dia pra fazer a dancinha, ou no trem, ou andando pela rua.

Mas a dança que a mãe fazia era sempre aquela dança antiga anos 1960, que tem instruções específicas on-line e até várias músicas específicas.

Existe uma filmagem de super-8 que a mãe mandou digitalizar, com ela pequenininha lá perto de 1965 fazendo aquela dancinha com a mãe dela, a avó de George. George tem o vídeo no laptop e no telefone.

É uma avó que morreu bem antes do tempo de George, apesar de George ter visto umas fotos antigas. Ela parece uma pessoa de outro tempo. Bom, e é mesmo. É uma mulher muito jovem, com cara de séria mas bonita, uma desconhecida com cabelos escuros empilhados na cabeça. O filme é todo tremido e cheio de sombras na borda de cima, que é onde tende a estar o rosto da avó porque o filme na verdade é da mãe de George, que é bem menor ali do que Henry é agora. Ela deve ter coisa de uns três aninhos. Está usando um cardigã tricotado de lã cor-de-rosa. É a coisa mais colorida do filminho. George consegue até ver o detalhe, se pausar o filme, dos botões que parecem dentes caninos na frente da blusa, bem pretos, e por trás dessa criança que é a mãe dela tem uma tela de televisão

com umas perninhas compridas e diagonais, daquele tipo de quando a tela das televisões era inflada que nem a barriga de algum obeso de meia-idade.

A mãe de George, junto das pernas com meias finas da sua própria mãe, se contorce de um lado para o outro em silêncio, com uns bracinhos que são só cotovelo. Ela está com uma cara séria e grave, mas também está sorrindo; já naquela época a boca, quando ela sorria, era aquela mesma linha reta e parece que ela já estava, mesmo tão novinha, sendo educada mas firme quanto ao fato de que precisava se concentrar. No filme ela está precisando *mesmo* se concentrar porque é tão pequenininha e a blusa é tão grossa, tão maior e mais pesada do que ela que ela fica parecendo um bonequinho de neve cor-de-rosa, como se estivesse condenada a acabar tombando de lado. A coisa toda de alguma maneira combina com o fato de ela estar equilibrando toda a sua pessoinha, com sua integridade, sua densidade e sua pequenidade, contra algo que parece que está para acontecer e que, se acontecer mesmo, vai pôr fim à dança. Mas nunca chega a acontecer porque logo antes de o filme passar a mostrar uns cisnes e uns botes num laguinho de algum lugar da Escócia a dancinha acaba, a mãe dela (criança) ergue exultante os bracinhos e a senhora de cabelo empilhado (a avó de George) abaixa os seus, pega a criança e a ergue para a parte tremida, saindo do enquadramento.

A parte da dança dura quarenta e oito segundos no laptop de George.

Trismo. Tísica. Pólio. Pulmão. São algumas das palavras de que a mãe de George tinha medo quando era pequena. (George um dia perguntou.)

Tell Laura I Love Her. É um dos discos que a mãe dela adorava quando era pequena. *One Little Robin In a Cherry Tree.* Ouvir esses discos, primeiro com aquele chiadinho da

agulha e aí a eclosão daquelas melodias bregas, é tipo poder viver o passado tipo ter entrado de verdade naquele tempo e ali ser um lugar completamente diferente, totalmente novo pra você, onde as pessoas cantam mesmo esse tipo de música, um passado tão distante de você que é um tipo de baque.

O baque do novo e do velho, as duas coisas ao mesmo tempo, a mãe diz.

Dizia.

Um dia, de tardinha, o pai de George traz pra casa o toca-discos novo e quando finalmente consegue dar um jeito de ligar aquilo no aparelho de CD eles vão pegar os discos velhos lá debaixo da escada.

Um rapaz chamado Tommy ama uma moça chamada Laura. Ele quer lhe dar “tudo” (isso por si só já é engraçado, aparentemente, pelo tanto que os pais dela riem, apesar de isso ser quando George ainda é nova demais pra entender o motivo). Flores. Presentes. Mas acima de tudo uma aliança. Mas ele não tem dinheiro, aí se inscreve numa corrida de stock car porque o prêmio é de mil dólares (imbecil, George diz, é, infelizmente acho que você tem razão, a mãe diz, romântica, o pai dela diz, e Henry é pequeno demais naquele momento pra dizer alguma coisa). Tommy liga para a casa de Laura. Mas Laura não está. Então ele acaba pedindo pra mãe dela dizer pra Laura que ele a ama, que ele precisa dela, que ele não demora, ele tem que fazer uma coisa que não pode esperar (aiaiai, a mãe diz, já parece trágico porque está a um passo. É? George diz. Como assim um passo? Romântica, o pai dela diz. No fim a tecnologia só faz isso mesmo, a mãe diz. Só consegue sublinhar o metafísico. O que é metafísico? George diz. Uma palavra complicada demais pra essa música, o pai dela diz). Aí o carro de Tommy capota e pega fogo. E quando arrancam ele das ferragens contorcidas as últimas

palavras que eles ouvem são: digam para a Laura que eu a amo. Digam para ela não chorar. Que o meu amor não morre jamais.

Ela e a mãe e o pai dela rolando de rir no tapete.

Por que é que você foi me guardar esse disco? George pergunta para a mãe. É horrroso.

Eu não sabia até agora, mas é óbvio que eu estava guardando o disco exatamente pra gente acabar ouvindo hoje, a mãe diz e eles rolam de rir de novo.

Pensar naquele hoje daquele tempo neste novo hoje de agora, esteja ela no estágio do luto em que estiver, não faz George se sentir triste, nem sentir nada em particular.

Mas na dúvida se o disco pode servir praquilo da dancinha, ela desceu logo antes de acontecer o Ano-Novo, mas depois que o pai dela tinha saído pra ele não sofrer por ouvir aquilo, e encontrou o disco na pilha de disquinhos menores ao lado do toca-discos (tem um nome, esses disquinhos menores, mas ela não consegue lembrar).

Ela ligou quase sem volume. Colocou o disco. Estava meio torto, então as guitarras da introdução soavam meio nauseadas, como se o disco estivesse com enjoo, apesar de George estar se sentindo bem, ou, na verdade, não estar sentindo nada.

Só que definitivamente não servia, porque era lento demais.

A dança de todo dia da mãe precisava de uma batida animada.

À meia-noite em todos os outros anos-novos a mãe dela normalmente pegava um papel bem bom mesmo, daquele tipo que tem pétalas de flores de verdade na textura, e dava dois pedacinhos pra ela e dois pro pai dela. Aí cada um (menos o Henry, dormindo, o que era importante, já que tinha fogo nessa história) escrevia os seus desejos e esperanças para o Ano-Novo num dos papeizinhos e no outro as coisas que mais tinham odiado no ano velho. Aí — com muito cuidado pra

não misturar os pedacinhos — cada pessoa ia pra frente da pia, acendia um fósforo, encostava a chama num canto do pedacinho de papel que tinha todas as coisas de que ele ou ela não gostou, e ficava vendo queimar. Aí quando você não conseguia mais segurar sem se machucar você deixava cair com cuidado na pia (essa coisa de largar aquilo era o sentido todo do ritual, a mãe sempre dizia) onde, quando terminava de queimar, você podia enxaguar as cinzas.

Neste ano George não tem desejos e esperanças.

Em vez disso o pedacinho de papel diante dela está vazio, a não ser pelas palavras AGENDA PARA OS ÚLTIMOS DIAS DAS FÉRIAS DE FIM DE ANO. Num lado ela escreveu números, que representavam as horas do dia. Junto das 9:30 ela escreveu DANCINHA.

É esse o sentido de ela sair procurando músicas, poder estar pronta pra começar assim que acabar o café da manhã do dia seguinte (hoje).

Algum tempo antes, George entra no escritório da mãe e fica andando por ali fuçando nas coisas que estão em cima dos livros nas estantes. A mãe dela ainda não está morta. A mãe está ali trabalhando. Tem pilhas de papel por toda a parte.

George, a mãe diz sem virar a cabeça.

O que é que você está fazendo? George diz.

Você não tem tarefa da escola? a mãe diz.

O que você está fazendo é perguntar se eu tenho tarefa? George diz.

George, a mãe diz. Não mexa em nada, pare de encostar nas coisas e vá cuidar das suas coisas.

George se aproxima e fica parada ao lado da mesa. Ela senta na cadeira ao lado da poltrona da mãe.

Eu estou meio entediada, ela diz.